

Oliveira, Carlos de (1921–1981): *Uma Abelha na Chuva* (1953)

Carlos de Oliveira escreveu, na senda do neorrealismo português, a tetralogia composta por títulos Casa na Duna, Pequenos Burgueses, Alcateia e Uma Abelha na Chuva. É exatamente nesta última narrativa, também a mais famosa, que se encontra um breve extrato relacionado com a problemática da colonização. Em forma de uma carta ao seu irmão, um personagem secundário (fisicamente ausente na narrativa), revela os desejos que alimentavam os sonhos dos portugueses ainda no século XX. Trata-se porém de uma aventura inverosímil e, dentro do esquema da narrativa neorrealista, assaz ambígua.

Luanda, 16 de setembro

Meu caro Álvaro:

Aqui estou na capital desta nossa Angola, depois de seis anos de sertão. A falta de notícias foi isso, a selva, os pretos, a civilização por um canudo e eu pelo mato, promovido a conselheiro do soba duma tribo de canibais, onde salvei a pele porque tu bem sabes que nunca me faltou gana para sair das enrascadas. Até de feiticeiro lhes servi. Não te posso dizer o que é a África, a África é vir cá e ver. A pretalhada onde estive, afinal não era má gente e depois de amansados, que ainda assim custou, foram comigo em busca de tesoiros para os lados das Minas de Salomão, que havia aí na estante do Montouro compradas pela cunhada.

Consegui levantar-se, pegou na vela e foi verificar a estante; não deu com as Minas de Salomão, mas bebeu outro porto, aproveitando a passagem pela garrafeira; regressou ao piano com o castiçal e pôs-se a lamentar diante da carta:

- Não estão cá as minas, Leopoldino, não sei delas.

Tinha a consciência de que ia ficando cada vez mais bêbedo; a azia, no entanto, pareceu acalmar-se e ele prosseguiu na leitura:

... compradas pela cunhada. E que tal vai ela, mano? O que me valeu a mim foi a saúde de ferro nos pântanos que atravessámos. O soba deu-me trinta pretos, dois elefantes, bagagens e duas das suas mulheres para meu uso próprio. Não leias esta passagem à cunhada, mas fica sabendo que uma preta, bem espremida, deita mais sumo do que uma laranja. A questão é enchê-las dumas aguardentes lêvedas que por aqui há e eu quero ver onde é que está a branca que dê um rendimento destes. Lá fomos para o sul em busca de minas. As febres atiraram metade da caravana às malvas, até um elefante

as apanhou e foi-se. Ao fim de anos de trabalho, dei com minas num recanto de rochas à entrada do deserto. Metade é para o soba, era o contrato, mas a outra parte, a minha, dá para comprar todas essas casas, palacetes, terras, quintas e armazéns, o que houver por aí, sem esquecer o belo femeação de Corgos, é claro.

Estou em Luanda agora para embarcar para a metrópole a descansar uns tempos e depois volto a assentar com o soba na exploração disto. Vou riquíssimo mas sou o mesmo, mano, o cabeça de unto como dizia o nosso pai, o doido varrido como tu dizias, o estoira-vergas que era como me chamava a cunhada. Dá-lhe recados meus e aí me terão daqui a umas semanas. Depois sempre te falarei com mais vagar das feras, da caça, dos macacos, das florestas, das minas, eu sei lá, e a preceito do mimo que é uma preta com um homem na cama, ou melhor, um homem com uma preta na dita. Quero-te fazer meu sócio e tu com um pouco de capital podes sê-lo, aí com coisa de cem ou duzentos contos para uma maquinariazita. O soba agora deu com o tesoiro em pantanas numa guerra santa e eu ...

(OLIVEIRA, Carlos de. *Obra Completa*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 922–924)

Atividades:

1. Identifique e interprete os traços inverosímeis na carta.
2. Em que medida este extrato dialoga com as estratégias textuais da literatura colonial?
3. Em que sentido, na sua opinião, esta carta se ajusta à crítica social inserida na narrativa?